



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

DIME GOMES CÓ

**KATANDERA: AS MULHERES E OS RITOS AOS ANCESTRAIS NA
GUINÉ-BISSAU**

ACARAPE, CE

2019

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA – UNILAB**

INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)

BACHARELADO EM HUMANIDADES

DIME GOMES CÓ

**KATANDERA: AS MULHERES E OS RITOS AOS ANCESTRAIS NA GUINÉ-
BISSAU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
bacharel em humanidades pela Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, sob a orientação do Prof. Dr. Itacir Luz

Acarape, CE

2019

KATANDERA:

AS MULHERES E OS RITOS AOS ANCESTRAIS NA GUINÉ-BISSAU

Data de aprovação ----/-----/-----

Banca examinadora

Prof. Dr. Itacir Luz (orientador)

Prof. Dr. Carlos Subuhana (Examinador)

Prof. Dr. Patrício Carneiro Araújo

Dedicatória

Dedico esse trabalho principalmente a minha mãe e aos meus irmãos, tias e tios e a toda minha família pelo amor, carinho e apoio direto ou indiretamente que me tem dado durante essa caminhada e não mediram esforços para que eu pudesse estar onde estou hoje.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus e aos meus ancestrais. Aos meus pais, Alfredo Có, apesar que ele não está mais conosco, mas sim lá no céu me seguindo simbolicamente, e a minha mãe Florença Gomes, a pessoa que batalhou muito para ver os meus sonhos de estudar a realizar até esta primeira etapa. Agradeço o meu tio Abel Cá, tia Augusta Cá, Celeste Cá e sem esquecer das minhas irmãs que sempre me apoiaram, Manuela Gomes Có, Ivoni Gomes Có, Dina Gomes Có e especialmente para minha amada irmã gêmea Mia Gomes có, sem esquecer das minhas primas Lorena Paulo Có, Nadia Paulo Có, essas são as pessoas que me apoiaram muito. Agradeço muitos meus irmãos Elizario Gomes Có, Gernaldo Gomes Có, Moises Gomes Có, pela força e coragem que estão me dando, e sem esquecer dos meus amigos/as, Carlos Pereira, Joao Fernando Cá, Suraia da Costa, Dona Cá, Delfe Mendes e também a minha amada sobrinha Sadia Armando Cá. Agradeço aos meus companheiros de Luta da entrada 2017.2, à Fatumata Djarai Baldé e todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a concretização deste trabalho. Agradeço ao meu ilustre orientador professor Itacir Luz, pela paciência, compreensão, dedicação e confiança que teve a mim durante a elaboração do nosso trabalho, Gratidão a todos/as.

Resumo:

O presente resumo tem como objetivo analisar o rito de *Katandera* como uma forma de expressão e atuação das mulheres do grupo étnico pepel de Biombo na Guiné-Bissau e as representações a elas atribuídas. O presente trabalho busca entender a prática do ritual de *Katandera* na etnia pepel e sua importância para o casamento tradicional da mesma etnia. Sendo assim, neste trabalho abordamos como a etnia pepel está organizado socialmente, também procuramos apontar a nomenclatura ou como se dá a origem do nome da referida etnia e como é que se dá o ritual de kata na mesma etnia. No entanto, Para a realização desta proposta de estudo, pretendemos conduzir a realização deste trabalho a partir de abordagem da pesquisa qualitativa, baseada no procedimento da revisão bibliográfica, para melhor explicar os fatos teoricamente a partir dos referenciais teóricos já publicados. Considerando a natureza ou característica da pesquisa que é de estudar rito ou cultura de um grupo étnico, utilizaremos a pesquisa etnográfica porque este estudo exige uma abordagem ou procedimento desta natureza. A pesar do tema em estudo é pouco trabalhado ainda, ou talvez inédito, acredita-se que este trabalho seja de grande relevância académica e social na luta pela desconstrução dos estereótipos em relação ao ritual de *katandera*.

Palavras chave: Guiné-Bissau, rito de kata, etnia pepel, casamento tradicional, ancestralidade.

Sumário

1. Apresentação	8
2. Contextualização da Guiné-Bissau.....	8
3. A organização social dos Pepeis.....	9
3.1. Origem da nomenclatura <i>pepel</i>	10
4. Cerimônia de Kata nos pepeis de Biombo.....	11
5. A Katandera e o ritual do casamento	13
6. Objetivos.....	15
6.1. <i>Geral</i>	15
6.2. <i>Específicos</i>	15
7. Justificativa.....	16
8. PROBLEMATIZAÇÃO.....	18
10. Metodologia.....	27
Referências	30

1. APRESENTAÇÃO

Há pouca produção acadêmica/científica no que se refere à abordagem das práticas culturais e rituais dos diversos grupos étnicos da Guiné-Bissau, principalmente da etnia pepel. Portanto, neste trabalho, pretendemos trazer à tona um dos aspectos ligados à prática cultural e ritual da referida etnia, A *katandera*¹. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar o ritual de *katandera* como forma de expressão e atuação das mulheres do grupo étnico Pepel de Biombo² da Guiné-Bissau e as representações a elas atribuídas.

Sendo um tema pouco trabalhado ainda, ou talvez inédito, acredita-se que este trabalho seja de grande relevância acadêmica e social na luta pela desconstrução dos estereótipos em relação ao ritual de *katandera*. Espera-se, também, que sirva de incentivo e de aporte teórico para desenvolvimento dos trabalhos futuros voltados ao assunto dessa natureza.

A escolha desse tema foi estimulada pela minha experiência pessoal, visto que tenho conhecido esse ritual de perto. Passei pelo referido ritual conduzido e realizado pela minha família materna em 2017. Para uma compreensão melhor do nosso trabalho, tendo em conta as nossas inquietações, problematizamos o seguinte: Por que muitas pessoas de outros grupos étnicos da Guiné-Bissau não aceitam se casar com uma menina submetida ao ritual de *katandera*? Por que o referido ritual é uma prática exclusivamente da etnia pepel, principalmente os pepeis de Biombo? Que implicação uma pessoa como tio/tia tem nesse processo? Por que só as mulheres são submetidas a esse ritual?

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA GUINÉ-BISSAU

De acordo com Namone (2014), a Guiné-Bissau é um país africano localizado na costa ocidental da África, possuindo fronteiras com Senegal, ao Norte, e com Guiné Conacri, ao Sul e Leste, a zona Oeste é banhada pelo Oceano Atlântico. Além da parte continental, contém a parte insular que compõe os arquipélagos dos Bijagós, com 80 ilhas. Tem uma superfície total de 36.125 km². Administrativamente, o país divide-se em oito (8) regiões, que são: Bafatá, Gabú, Cacheu, Oio, Biombo, Bolama, Quinara e Tombali; e trinta e sete (37) sectores,

1 Katandera é nome dado a um ritual que se faz através da família matrilinear, onde uma pessoa do membro da família escolhe uma menina para servir os ancestrais.

2 Biombo é nome dado a uma das oito (8) regiões que compõem o território da Guiné-Bissau. Além de indicar a região, esse nome é usado também para denominar um dos vários povoados dos diferentes grupos que compõem a etnia pepel.

incluído o sector autónomo de Bissau (S.A.B). De acordo com último dado de recenseamento geral de população e habitação, a população do país é estimada em cerca de um milhão e quinhentos mil habitantes (1.500.000hab), divididos em aproximadamente trinta (30) grupos étnicos: *Balantas* com 26%, *Fulas* 25%, *Mandingas* 13,7%, *Manjacos* 9,2%, *Pepel* 9,2%, *Mancanhas/Brames* 3,54%, *Beafadas* 3,2%, *Bijagós* 2,1%, *Felupes* 1,43% e entre outros.

Existem, ainda, subdivisões dentro de cada grupo étnico. É importante, também, salientar que os Manjacos, Mancanhas e Pepeis têm uma proximidade linguística, ou seja, suas línguas possuem níveis de parentescos bem claros. Além das aparências linguísticas, têm também algumas manifestações culturais em comum, como, por exemplo, cerimônia fúnebre, *toka-tchur*³ e *panu di pinti*⁴ que é de grande importância nas realizações rituais, o que leva alguns historiadores a afirmar que estes três grupos eram um mesmo tribo antigamente.

3. A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS PEPEIS

No que diz respeito à organização social da etnia pepel, Gomes (2016, p.11 *apud* GARRAFAO, 2016, p. 32). Afirma que os pepeis foram os primeiros a habitar a ilha de Bissau. A tradição oral registra que passaram a habitar esse território através de um jovem chamado Munkaú, que era filho de um rei de Quinará, uma das regiões que compõem o território guineense, conhecido como bastião da etnia Biafada. Quando o Munkaú chegou à ilha de Bissau, encantado com o espaço deferente do dele, decidiu se mudar para esta ilha com sua família, levando consigo as suas seis esposas e a sua irmã mais velha que, por sua vez, estava também na companhia do seu marido para lhe garantir herdeiros legítimos, já que, na etnia pepel, o regime é matriarcal e prevê que o filho da irmã mais velha (que é o sobrinho no caso) tem o direito à herança/sucessão do trono. Ainda de acordo com o autor supradito, as narrativas locais dão conta que sua irmã e as suas seis esposas deram origem às sete “djorsons” (clãs) da etnia pepel.

Dentro da sua estrutura matrilinear (ressaltando que a etnia pepel é de linhagem matriarcal) esse grupo étnico tem a particularidade representada em diferentes clãs. Cada uma

³ *Toka tchur* é um ritual que se faz para honrar a memória de parente falecido, no qual utilizam alguns instrumentos musicais tradicionais como o Bombolom e etc. No mesmo ritual, são sacrificados os seguintes animais: boi, porco, cabra e galinha, acompanhados de variadíssimas bebidas.

⁴ *Panu di pinti* é um tipo de pano feito de linhas de algodão de diferentes cores. Esse pano é feito manualmente com auxílio de um instrumento tipicamente africano. Os pepeis são considerados pioneiros de sua produção. Após alguns anos, outros grupos etnicos começaram a dedicar na produção desse pano. Atualmente, ele ultrapassou a dimensão nacional, e é usado em diferentes países da África, Europa e América, em particular o Brasil.

simboliza e representa um animal cujo nome se serve de sobrenome a essa da família. O clã de *Bassassum* representa o sobrenome Nanque (a onça). Este clã que é também o dos nobres, utiliza, igualmente, o sobrenome *Ié*, pois, na tradição, acredita-se que pessoas com esse sobrenome sempre são bravos igual a onça, razão pela qual exercem, politicamente falando, funções de comando (os reis, denominados de *Djagras*). O clã de *Djagras*, como já mencionado anteriormente, é escolhido no meio de outros clãs para ocupar a posição dos nobres e é dado o poder de governar e comunicar com os ancestrais e os sobrenaturais de outros clãs, como o de *Bossutchu* cujo apelido é *Djú* (urso-formigueiro); o de *Bossafinté* cujo apelido é *Té* (o lebre); o de *Bossó* cujo apelido é *Có* (o sapo), estes dedicam-se ao cultivo e estão sempre imersos na água e na lama, razão pela qual são chamados de sapos; o de *Bodjukumó*, denominados de *Cá* (a hiena), pessoas dessa linhagem são conhecidos como valentes guerreiros com suas manias de atacar o inimigo igual à hiena. O clã de *Baíga*, o de *Sá* (antílope), faz-se notar pela sua graciosidade e sua elegância à imagem do antílope (ave conhecido na língua nacional do país como “frintambá”) e, por último, o clã de *Botat*, denominados de *Indi* (macaco), pois tornaram-se mestres na extração de vinho de palma e, para realizar esse serviço, adotaram a mesma maneira usada pelo macaco para subir em qualquer árvore (DJALÓ, 2013).

3.1. Origem da nomenclatura *pepel*

No que concerne à nomenclatura *pepel*, Djaló (2013) destaca que a denominação mais tradicional é *Ba-Sáu*, *Bashau* ou *Ba-são* (Ensháu). Esta nomenclatura foi dada pelos *balantas*. Eles os chamavam de *pepel* para lhes designar como os originários da ilha de Bissau. Etimologicamente, o termo *Ba-sáu* significa, na língua Balanta, “eles são exterminados”. A tradição oral explica que esta expressão teria sido utilizada pelo único sobrevivente da etnia *balanta* de uma das batalhas entre os *balantas* e os *pepeis*. Quando chegou à aldeia, o único sobrevivente dos invasores teria explicado aos outros que todos os seus companheiros tinham sido mortos, Ba-Sáu (DJALÓ, (2013, p.58).

Pelos relatos desse autor, compreende-se que já existia conflitos internos entre os grupos étnicos antes da presença colonial que veio a denominar esta etnia de “*papel*”, supostamente devido à aproximação na sonoridade. No entanto, apesar de essa ser a possível explicação para o nome atual, é mais comum no país a utilização do termo **pepel**, o qual também entendo como o mais coerente para ser aplicado neste trabalho.

Como já mencionado a cima, a etnia pepel possui algumas semelhanças linguística e cultural com outras etnias. No entanto, apenas na etnia pepel existe a prática de *Katandera*⁵, um ritual que se diferencia dos outros existentes no país e que é centrado, basicamente, na atuação das mulheres enquanto mediadoras espirituais.

Na sociedade guineense existe vários grupos étnicos como apontamos acima, mas, dentro destes grupos étnicos, existe uma diversidade enorme na forma de realização das suas práticas culturais e rituais. Essa diferença não se identifica somente no nível transétnico, mas, também, no nível intraétnico, como, por exemplo, a forma como os pepeis de Biombo realiza o ritual de *Katandera* possui uma pequena diferença da forma como os pepeis de Bissau realiza o mesmo ritual, estes também, por sua vez, diferente dos pepeis de Bijimita, Prabis e etc.

Através dessas práticas os ancestrais vão enviar sinais para que as famílias que os procuram possam ter respostas sobre determinadas situações e quais meios para realização do ritual. Daí, é marcado o dia para a realização do ritual, os familiares são avisados tanto do lado do pai quanto do lado da mãe para fazerem presentes na cerimônia. No ato da cerimônia, é imprescindível a presença de algumas pessoas mais importantes em termo de idade, principalmente do lado da mãe da menina que está sendo submetida ao ritual. Uma vez que se trata de um ritual do lado matriarcal esses familiares não podem fugir dessa responsabilidade, sob risco de provocar morte ou feridas.

4. CERIMÔNIA DE KATA NOS PEPEIS DE BIOMBO

No que concerne à cerimônia de *Katandera* nos pepeis de Biombo, é importante salientar que existem dois tipos de ritual de *Katandera*, a saber: o **OMAI** e o **PLIK**. Esta diferença não é percebida socialmente por pessoas de outros grupos étnicos, visto que pensam que se trata de uma mesma coisa.

No entanto, entende-se que o **OMAI** refere a um ritual que é realizado numa casa que tem uma *baloba* indicada por oráculo aos familiares da menina que deve realizar essa cerimônia. Com essa indicação, a família é obrigada a procurar saber se é que houvesse algum derramamento de sangue que resultasse na perda da vida humana. Se sim, a família é obrigada

5 É um termo usado pela sociedade guineense para indentificar as meninas escolhidas para servir aos ancestrais, através dos dois conceitos que diferenciam essa prática que são *Omai* e *Plik* ambos explicados também nesse trabalho mais na frente. Nessa prática a menina escolhida é responsável para cozinhar comida e colocar água nos lugares sagrados de contato com ancestrais. Também o termo permite a diferenciação entre *Katandera* e o *balobeiro* que é outro termo atribuído a outra prática.

A realizar esta cerimônia de **OMAI**, onde a menina usa um *panu di pinti*, sentada numa esteira usada pelas meninas solteiras que se diferencia da outra usada pelas mulheres casadas. Vale ressaltar que na etnia pepel existem dois termos de classificação das mulheres: o *ondjencem* (que significa “mulher casada”) e o *ombançan* (que significa mulher solteira). O rito de *Katandera* acontece por alguns dias e, no último dia, a menina veste-se de manta vermelha e *panu di pinti* de cor preta, usa chapéu vermelho acompanhado de lenço branco, outrossim, a baloba também é coberta da manta vermelha para acompanhar todos os processos rituais.

Já no **PLIK**, o ritual é realizado numa casa em que não há baloba, visto que não houve nenhum derramamento de sangue na família. Nesse ritual, a família apenas utiliza alguns objetos culturais denominados de *yem*⁶, objetos feitos de argila de forma redondas colocados no chão, na esquina da casa. Neles, coloca-se água para servir os ancestrais que se acredita aparecerem em forma do espírito. Por não ter baloba como no ritual de *OMAI*, não é obrigatório a menina que se serve de *Katandera* de *PLIK* vestir como uma menina que se serve de *Katandera* de *OMAI*. Aquela usa apenas roupas brancas e faz troca de garrafas nas quais está a cachaça com outras meninas, ela também pode usar um pano preto abaixo da manta branca usada por ela.

Não há uma idade certa para ser *Katandera*. Sendo assim, uma criança ou um bebê pode ser apresentado à baloba com o propósito de consagrá-lo aos ancestrais. Com o passar do tempo, quando crescer, a família a prepara para servir seus ancestrais. Para isso, é preciso que a família, no entanto, compre algumas coisas necessárias para realização do ritual, exceto a mãe da pessoa que vai passar por esse ritual. Se a família não tiver condição financeira para arcar com o custo, no entanto, a mãe pode pagar pelo custo do ritual e marcar a data que vai apresentar a menina na casa onde aqueles ancestrais tinham casado.

Uma outra explicação ligada a esse processo, diz respeito aos métodos que se inserem nesse quadro duma tradição longa da etnia pepel. Assim, antes dela ser apresentada, passa-se uma noite na casa do tio ou avô materno, e a mãe ou a tia vão pedir a uma pessoa ou mesmo ao próprio tio materno da menina para carregar os materiais que vão levar para o ritual. Todos esses materiais têm que ser transportados na cabeça para casa onde a menina vai passar a noite. Depois de amanhecer o dia, ela é levada à casa dos ancestrais aos quais vais servir, e lá, ela coloca a panela de barro no fogo bem aquecido e, se a panela não quebrar no fogo, significa que esse ritual pode ser feito. Começam então a oferecer a cachaça, o vinho extraído da palmeira e depois sacrificam o galo para saber se pode ou não iniciar a cerimônia.

⁶ Yem é uma expressão na etnia pepel que designa nome de um objeto feito de barro chamado texto no crioulo da Guiné-Bissau.

5. A KATANDERA E O RITUAL DO CASAMENTO

Com mais de 25 etnias, a Guiné-Bissau constitui um espaço de mosaico étnico, cultural e tradicional inédita. A etnia pepel é uma das etnias da Guiné-Bissau com sua representação simbólica, sua língua e manifestação cultural por meio de danças, trajes e ritual fúnebres que elevam o diálogo entre humano e a alma.

No processo que constitui o ritual de *Kata*⁷, a cerimônia de casamento é um dos momentos extremamente importante e significativo por carregar um conjunto de simbologias que representa uma importância grande na vida da menina ou mulher que vai se casar.

“A preparação do casamento envolve uma sequência de acontecimentos que começam com o rito de separação, concretizando-se com o de agregação. O casamento representa um conjunto de situações que simbolizam o começo de uma nova etapa do ciclo de vida e abarca as etapas identificadas do ritual” (BETTEGA, 2007, p.45).

Como já destacado, a preparação do ritual de *kata* culmina com a realização da cerimônia do casamento. Esse ritual é realizado sempre no início da época de chuva, onde a menina ou mulher “iniciada” cozinha a comida na casa onde está sendo apresentada, além de buscar água para colocar no pote. Após terminar essas tarefas, ela pode voltar no mesmo dia para sua própria casa, caso queira, ou pode dormir na casa onde fez o ritual para retornar no dia seguinte.

No final da época de chuva, a menina (*chamada de Katandera*) precisa passar pelo mesmo ritual que fez no início da época chuvosa, e isso acontece durante dias até o dia em que seus familiares estejam preparados (referindo a questão financeira aqui) para fazer o último ritual que é o casamento. Vale salientar que esse casamento pode ser feito de duas maneiras: o simbólico e o efetivo. No casamento efetivo, a menina vai se casar com o proprietário da casa onde está fazendo o ritual com a finalidade de gerar filhos, só que esse casamento não é obrigatório, acontece caso a menina queira casar com esse mesmo homem. Quanto ao casamento simbólico, ao contrário do efetivo, acontece para dar mais sentido ao ritual sem que os dois (a menina e o homem com qual está a casar) tenham uma relação efetiva. O pretendente marcará a data e irá contar para as famílias de ambas as partes que quer casar com a tal menina, casamento esse que será feito pela família materna, dirigida pela avó

⁷ Kata é um cerimonia que é realizado na etnia pepel, mas dentro dele tem dois tipos de caráter: primeiro, quando uma linhagem está para acabar num determinado lugar ou tabanca o Irã resolve dar um sinal na família e algumas pessoas na família começa a si doer, ou morto acidentado ou assassinato; e segundo quando uma família cometeu um erro a família passa a evitar de frequentar aquele espaço, depois alguns tempos o irã pede para aquela família que cometeu um erro para trazer uma menina para servir na quela casa neste caso existe algo efetivo.

No caso da ausência da avó, a lei permite que a tia da menina seja o responsável para dirigir esse casamento. Caso elas não tenham condições, a mãe deverá, necessariamente, assumir e garantir a realização dessa cerimônia. No decorrer desse processo, a menina dorme com junto de sua família na casa do tio materno, visto que é ali onde ela dormiu quando começou o processo inicial do ritual de *Katandera*. Por sua vez, a esposa do seu tio materno, como recomenda a tradição, faz uma comida para ela e, quando amanhecer, ela dirige para a casa onde a cerimônia do casamento será realizada, e será recebida pela mulher daquela casa que, por sua vez, pedi-a para tomar banho com água na cabaça.

Após esse momento, a menina veste-se de um *panu di pinti* da cor preta e depois raspa a cabeça e começa a seção de untar óleo de palma em todo o corpo da noiva durante quatro a seis dias consecutivos. Quando completa a seção de untar óleo de palma, abandona o pano preto que foi amarada para vestir tudo *fadjado*⁸. A partir daí, considera-se que os ancestrais passaram no momento do casamento. Após esse ritual, a menina já casada volta para casa do tio materno onde dormiu pela primeira vez, e lá será recebida pelo próprio tio com alegria e, depois, segue para casa do pai onde é recebida também com a mesma alegria, conforme a tradição.

É habitual, nesses rituais, o uso do pano. A depender de cada grupo étnico em Guiné-Bissau, Cada pano acaba ganhando um sentido simbólico, de acordo com a sua tessitura, textura, cor e circunstância em que é usado. Por exemplo, a mulher da etnia mancanha, que está de luto, não precisa expressar, através de palavras, que está a cumprir esse ritual. O pano *miada* que ela traz à cintura já o diz, pois simboliza o luto. Da mesma forma que uma mulher ou um grupo de mulheres vestidas de *kamisa di soka* [vestido branco comprido com rendados no peito] e pano de bandas brancas não precisa explicar que está tomando parte em cerimônias fúnebres – a vestimenta, por si só, traduz isso (SEMEDO, 2010, p.105).

Assim, como no uso de *panu di pinti* entre os mancanhas, na etnia *pepel* também se observa a grande simbologia no concernente ao uso desse pano, como, por exemplo, para uma menina da etnia *pepel*, o uso do *panu di pinti* preto tem um significado que já é de conhecimento da sociedade local, eliminando assim a necessidade de explicar às pessoas algo que já fala por si só. Do mesmo modo, na vestimenta de uma *Katandera* ou de um *Balobeiro* a simbologia traz a resposta que é compreendida naquela sociedade e pelas pessoas que conhecem aquela realidade.

⁸ Termo em crioulo que significa “vestir além das roupas”. O indivíduo é colocado diferentes pertences, dentre eles, joias para apresentar da melhor forma possível.

Após vivenciar todos esses processos do ritual de *Katandera* e do casamento, a jovem passa a ser a pessoa mais importante e sagrada da família, principalmente da família materna, por ter sido destinada a servir os ancestrais. É preciso considerar ainda que, após o término de todo esse processo ritual, há um processo de continuidade presente na “pós-cerimônia” que, entre outras coisas, expressa-se no compromisso que a menina destinada a servir os ancestrais tem de ficar a cozinhar de vez em quando e colocar água no pote separado ao seu serviço sempre que houve cerimônia na casa onde foi levada para servir.

Voltando ao que já foi dito, se o casamento é no plano simbólico a menina aparece nessa casa só para cumprir com os requisitos e para servir os seus ancestrais durante o ritual, sempre vestida de roupas que demonstra que ela é *Katandera* e se junta às outras meninas que *Katanderas*. Durante o processo de ritualização elas fazem trocas de garrafas com cana (cachaça) e cumprimentam umas às outras até o fim do ritual.

6. OBJETIVOS

6.1. Geral

— Analisar o rito de *Katandera* como uma forma de expressão e atuação das mulheres do grupo étnico pepel de Biombo na Guiné-Bissau e as representações a elas atribuídas.

6.2. Específicos

- Entender a especificidade do ritual de *Katandera* entre o grupo étnico pepel;
- Conhecer os elementos que constituem esse ritual;
- Analisar o papel das mulheres nesse contexto;
- Identificar as formas de sua discriminação na sociedade guineense.

7. JUSTIFICATIVA

O presente trabalho busca entender a prática do ritual de *Katandera* na etnia *pepel* e sua importância para o casamento tradicional. Na medida em que nos propomos a desenvolver tal investigação sobre esta prática cultural, também nos voltamos para a reflexão sobre a própria centralidade da família materna da menina ou mulher escolhida na referida cerimônia. Por isso, a discussão proposta neste trabalho está voltada ao ritual de *Katandera*, uma prática exclusivamente da etnia *pepel*. A etnia *pepel*, como já mencionado, é de linhagem matriarcal. Por isso, os filhos do régulo não podem ser herdeiros do trono, já que seu sobrinho (filho de sua irmã) é considerado o herdeiro legítimo desse trono. Isso acontece porque, segundo a tradição, um homem sente mais confiança no filho da sua irmã, pois acredita-se que têm o mesmo sangue e considera seus próprios filho/s como possuidores do sangue da outra Linhagem, no caso linhagem da mãe.

Para a realização da referida cerimônia, o ancestral que deve ser servido avisa aos familiares a realização da cerimônia através de um sinal, que pode ser uma doença ou perda de um dos membros da família. Às vezes, esse sinal não é entendido de imediato, o que leva muitas famílias a recorrerem às outras vias (a chamada *Bota Sorti*⁹) para poder entendê-lo e fazer o que tem que ser feito para acabar com o sofrimento na família.

Durante todo esse processo de consulta aos oráculos, as famílias cozinham comida e colocam-na na cabaça para os irãs. Vale ressaltar que, na etnia *pepel*, a cabaça desempenha um papel imprescindível em qualquer ritual. Semedo (2010) afirma que:

É o uso da cabaça na comunidade, e em situações bem precisas (uso doméstico, cerimônias tradicionais, festividades) que fez desse objeto um sistema de sentido na cultura guineense, pois o seu uso faz-se através de um comportamento que se tornou habitual em determinadas circunstâncias. Sistematizado o seu uso em momentos vários e situações diversas, esse objeto passa a “ser” e a ter um significado distinto, particular, reconhecido, aceito na e compartilhado pela comunidade. A cabaça é o símbolo do ventre que traz vida dentro de si. A cerimônia da cabaça no grupo *pepel*, por exemplo, é a que mantém viva a linhagem materna, sendo a própria cerimônia denominada “andar/carregar cabaça”. Essa cabaça especificada é denominada cabaça de *mistida* [cerimônia, assunto]. Carregar cabaça ou realizar a *mistida* é uma cerimônia tradicional desse grupo étnico que inclui um périplo pelas *casas grandes* [casas dos mais velhos] e *balobas*, isto é, santuários tradicionais, em que se levam oferendas aos irans e aos ancestrais, pedindo proteção aos antepassados e aos *irans*, deuses e entidades tradicionais, que serão abordadas na subseção seguinte (SEMEDO, 2010, pp. 107-108).

⁹ *Bota Sorti* é uma cerimônia que se faz junto de um vidente que se acredita comunicar comespíritos com a finalidade de descobrir os motivos pelos quais uma pessoa ou família está a sofrer.

Na referida etnia, há pessoas que servem de intermediários entre os vivos e os mortos, as chamadas *balobeiros*. São pessoas que se acreditam incorporar almas do mortos em si para que estas almas possam passar a comunicar com os vivos por meio delas. Foi através dessas pessoas intermediárias que qualquer pessoa ou família procura saber se há algum ritual que precisa fazer para contentar seus ancestrais.

A escolha do tema é justificada pela minha experiência pessoal, visto que passei pelo ritual de *Katandera*, conduzido por parte da minha família materna. Porém, como nem eu nem a minha mãe sabíamos como esse ritual era feito, ficamos meio perdidas no início sem ter quem nos orientasse. Todos os mais velhos da parte da família da minha mãe que por ventura poderiam nos orientar melhor na realização desse ritual já haviam morrido, o que levou a minha mãe a dobrar esforço para saber como devíamos proceder, já que o ritual precisava ser feito com urgência. Levando em consideração as dificuldades que passamos na obtenção das informações sobre o ritual, e sendo um tema inédito no universo acadêmico, a ideia é que esse trabalho forneça algumas informações prévias aos que vierem a interessar em abordar o mesmo tema e aos que tiverem que passar futuramente por esse ritual para servir seus ancestrais.

Nesse sentido, eu me interessei em estudar a cerimônia de *Katandera* como elo entre os ancestrais e os que estão vivos, com objetivo de buscar entender a essência da prática desse rito e expor sua importância na mulher dentro do grupo étnico pepel. Sendo assim, espera-se que o presente estudo seja de suma importância para a sociedade e que ajude na valorização de qualquer ritual, porque cada prática serve o que serve dentro da sociedade onde é inserida. Por outro lado, espera-se que este trabalho ajude a amenizar o olhar estereotipado na sociedade guineense em relação às meninas que se servem de *Katanderas*.

O trabalho aborda aspectos de importância social e cultural e aponta para o resgate de memória e história do povo do grupo étnico pepel. Propõe-se uma reflexão acadêmica e científica profunda no que diz respeito a esse ritual de extrema importância ao grupo étnico em questão, já que é um tema que possui poucos estudos ou, salvo erro, nenhum no universo acadêmico como a cima já referido.

Este projeto, além de trazer informações relacionadas ao ritual de *Katandera*, visa também compreender as características deste ritual que o tornam singular diante dos demais rituais que existem na tradição do casamento na etnia pepel, em Guiné-Bissau. Uma dessas características é a exigência para que as mulheres não possam dar à luz antes de passarem por

esse ritual. Por isso, a tradição dos pepeis de Biombo recomenda que seja uma mulher que nunca tinha passado em outro casamento anteriormente.

8. PROBLEMATIZAÇÃO

Na busca em entender o ritual de *Katandera* e sua relação com o casamento na etnia pepel colocamos alguns questionamentos que consideramos fundamentais para o desenvolvimento da investigação proposta. Dentre os quais destacamos os seguintes: por que outros grupos étnicos na Guiné-Bissau recusam se casar com uma menina *Katandera*? Como se dá o processo do ritual de *Katandera* na etnia pepel de Biombo? Por que o referido ritual é uma prática exclusiva da etnia pepel? Qual é a importância do referido ritual no seio desse grupo étnico? No passado histórico quem era a protagonista na realização desse ritual? Por que só as mulheres são submetidas a esse ritual? Qual é o papel e importância que o gênero feminino desempenha nesse contexto? Que implicação a personagem como tio/tia tem nesse processo?

Os questionamentos acima referidos são as inquietações que despertaram em nós um enorme interesse e vontade de estudar o referido tema. Para isso, salientamos que esses questionamentos não têm o propósito de julgar ou condenar o olhar dos outros em relação ao tema a ser estudado, e sim, o de trazer, em cheque, um estudo abrangente e explicativo no concernente a esse ritual que é uma prática de extrema significância ao grupo étnico pepel, presente em Guiné-Bissau.

9. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste trabalho tem como base as reflexões de diferentes autores, considerando a relação com o tema aqui em debate. Entre as categorias que envolvem nossa proposta, destacamos as Cerimônias, Cultura, Ancestralidade, Ritos Magia e Religiosidade, por sua dimensão estruturante nos contextos onde se aplicam. Nesse sentido, nos propomos refletir como os mortos se fazem presentes no mundo dos vivos e, ao mesmo tempo, como os ancestrais se comunicam com seus descendentes na sociedade africana, guineense. Ao tratar da questão sobre poderes e autoridades místicos, Kopytoff (2012, p. 233) destaca que: “Eles mantêm um papel funcional no mundo dos vivos, especificamente na vida dos seus parentes vivos; de fato, os grupos de parentesco africanos são geralmente descritos como comunidades tanto vivos quanto de mortos”.

Especificamente no ritual de *Katandera*, na etnia Pepel, o papel de centralidade dos ancestrais se dá a partir daqueles que já morreram, os quais são servidos pelo mundo dos vivos e se realizam no mundo dos mortos.

Ancestrais estão intimamente envolvidos com o bem-estar do grupo de parentesco, mas eles não estão ligados de mesma forma a todos os membros daquele grupo. A ligação é estruturada através das pessoas mais velhas [do grupo de parentesco] está relacionada com sua forte ligação com os ancestrais. (KOPYTOFF, 2012, p 233).

No que concerne ao ritual de *Katandera*, as informações costumam se concentrar basicamente entre os anciões da aldeia, que, por sua vez, têm a responsabilidade para mostrar como se deve fazer o ritual e, por isso, são esses mais velhos bastante respeitados na comunidade por adquirirem vasto conhecimento para repassar aos mais novos, conhecimento este antes também repassados aos mais velhos pelos ancestrais. Sobre isso, o autor adverte que:

A ênfase africana está claramente na maneira por meio da qual os mortos afetam os vivos e não em como os mortos vivem. Diferentes ancestrais são reconhecidos como relevantes em diferentes contextos estruturais (por exemplo, em grupos níveis genealógicos diferentes); nem todos os mortos são adorados como ancestrais, mas somente aqueles com posições estruturais particulares; e o comportamento do ancestral não reflete sua personalidade, mas sim um status legal particular no domínio político-jural (KOPITOFF, 2012, p.233).

No ritual aqui em questão, se por acaso os familiares da linhagem matrilinear não cumprirem as obrigações que lhes são demandadas, poderão ser afetados por qualquer tipo da tragédia até o dia em que os eles venham solicitar aos ancestrais a os conceder a oportunidade para exercer tal ritual num determinado prazo.

De acordo Kopitoff (2012), os membros mortos da linhagem enquanto uma coletividade, costumam ser convocados em momentos de crise, tais como uma doença grave, série de infortúnios, e mais regularmente em determinadas ocasiões, como os casamentos de mulheres da linhagem ou a cerimônia de iniciação para as crianças. Anualmente, também costumam ser convocados antes das grandes caças comunitárias da estação seca. Na descrição do autor, esse processo segue o seguinte padrão geral:

Aquele que é a cabeça da linhagem vai, durante a noite, junto com dois ou três homens mais velhos da sua geração, para a sepultura – qualquer sepultura – de um membro falecido da linhagem que fosse mais velho do que qualquer um deles. Na sepultura ou nos cruzamentos, os homens velhos

‘alimentam’ os mortos com certas comidas consideradas suas favoritas: tipos particulares de cogumelos da floresta e de raízes selvagens, vinho de palma, e algumas vezes mesmo mandioca –a base da alimentação Suku. Um pequeno buraco é escavado no chão e a comida é colocada nele. A comunicação com os mortos assume a forma de uma conversa monológica, padronizada, mas não estereotipada, e desprovida de formulas respetivas. Fala-se da maneira em que se falaria com pessoas vivas: (KOPYTOFF, 2012, p. 234).

Na perspectiva do autor, os ancestrais têm poder de punir os vivos com doenças devido às suas capacidades “sobrenaturais” e a crença é culturalmente aceitável e, portanto, ajuda a entender o porquê esses mortos são cultuados. Contudo, de acordo com a concepção cultural desse mesmo contexto, os vivos não detêm esses poderes ‘místicos’ simplesmente pelo fato de serem mais velhos, e se os africanos dizem que o mais velho tem tal poder, ele deve ‘derivar’ de algum outro lugar. Por isso, os ancestrais, já que estão mortos, são percebidos como uma fonte apropriada desses poderes. (KOPYTOFF, 2012).

Acontece que, na etnia pepel, quando houve morte por parte de uma pessoa sem que os familiares cumprissem um certo ritual como de *Katandera*, a alma dessa pessoa que faleceu não se contenta no outro mundo. No entanto, essa pessoa procura saber o motivo de sua morte mesmo estando no mundo além, assim que souber, volta ao mundo dos vivos (de forma espiritual), alertando as pessoas mais próximas do seu familiar (por meio de morte) em prol de vingar o que seus familiares poderiam ter feito, neste caso, cerimônia, para evitar sua morte. Assim que houver mortes no seio familiar, procura-se família matrilinear para saber o motivo dessa alerta para impedir que voltasse a acontecer. Por tanto, a família vai consultar os oráculos e *Irãs* em contrapartida de se protegerem de futuras destruições que pudessem acontecer. Sendo ciente da causa de morte, faz-se cerimônia (s) e assim dando fim no caos que podem vir acontecer.

Os *Irãs* familiares ou de linhagem (visto que eles representam sempre uma das sete linhas - *Djorson* (clãs) - estão situados nas *balobas*. Estes *Irãs* encarnam os “Bons espíritos”, os dos antepassados (espíritos dos defuntos) protetores das comunidades. Os *pepeis* praticam, mais do que qualquer outro grupo étnico, o culto da linhagem, para que cada uma das sete ramificações que compõem as linhagens (*Djorçons*) dispõem da sua *Baloba*. (DJALÓ, 2013, p. 58).

Na etnia pepel, como foi explicado anteriormente, é da família matrilinear e, cada linhagem tem a sua *Baloba*. Motivo pelo qual as duas pessoas da mesma linhagem não se casam, pois no exercício de qualquer ritual estes vão se encontrar numa mesma *Baloba* e, isso

não é permitido na cultura pepel. Destaca-se Leite (2008), que, “na formação do homem morto aparece como fator decisivo para objetivação dos conceitos definitivos do ancestral”.

Quer dizer o homem que não está no mundo dos vivos muda de status automaticamente e passa a exercer outra função dentro de um meio social que seus ancestrais vivem (mundo além), tornando-se:

Uma pessoa consciente de que é objeto de um malefício fica profundamente convencido pelas tradições mais só neles de seu grupo, de que está condenado, e parente e amigos compartilham a certeza. A partir de então, a comunidade se retrai, todos se afastam do maldito e se comportam para com ele como se, além de já está morto, representasse uma fonte de perigo para todos os que o cercam. Em toda ocasião e em cada um de seus gestos, o corpo social sugere a morte a pobre vítima, que não tenta escapar do que considera ser seu inelutável destino. E logo são celebrados para ela os ritos sagrados que a conduzirão ao reino das trevas. (STRAUSS. 2012 p.181).

Nesse caso, esse poder sagrado na tradição africana não é de se duvidar pois é uma ocorrência viva e sempre em exercício nas sociedades africanas, e singularmente guineense. Na sociedade guineense sempre as práticas rituais eram e são fortes até os dias atuais, porém após a colonização, essa prática sofreu uma perseguição impetuosa, mas isso não faz com que o povo pepel deixassem de praticá-la. Nessas práticas, acontece-se respostas dos ancestrais em diversos âmbitos, através dos oráculos, nas manifestações culturais, nos sonhos (durante sono) etc. os ancestrais respondiam os vivos através desses meios supracitados para os explicar o que se deve ou não fazer. Claro que a cultura é dinâmica e não estática, motivo pelo qual muitos rituais sofreram alterações, contudo, ainda acontecem.

Segundo Djaló (2013), na Guiné-Bissau, as práticas rituais mágicas são chamadas na língua crioula de *Djambakus* (para os homens que a exerce), mas para as mulheres é *Djabanka*. Há outro termo que se designa a ambos os gêneros, *Balobeiro*¹⁰.

Para Lévi-Strauss (1956), “não há por que duvidar da eficácia de certas práticas mágicas. Porém, ao mesmo tempo, percebe-se que a eficácia mágica implica a crença na magia, que se apresenta sob três aspectos complementares”.

Portanto nesse caso a *Katandera* vem como um rito de poder mágico, suponhamos que uma pessoa está enferma, mesmo indo ao hospital tomando remédios e fazendo tratamentos completo nada vai funcionar, pois tudo isso tem a ver com o poder sobrenatural. Caso a pessoa não fizer a cerimônia vai ficar a piorar a cada vez mais, no entanto, seus familiares têm

¹⁰ O termo balobeiro (a), serve-se para designar uma pessoa que exerce a prática de oráculo para explicar o passado, presente e futuro. Às vezes, explica-se o que deve ou não ser feito para acabar com doenças ou ter uma vida digna, ter riqueza, fama etc.

que procurar oráculo para saber o real motivo da doença dessa pessoa e, conseqüentemente, combatê-la. É apenas com a realização deste ritual para consultar os ancestrais que o doente vai melhorar, caso contrário, ficará debilitada ou morrer.

Para ocorrer o processo ritual de *Katandera*, deve-se sacrificar um animal, de preferência, uma galinha para consultar os anciões em prol de saber se vai ou não acontecer a cerimônia.

Na etnia pepel, comumente, no concerne à realização duma cerimônia, em especial ritual de *Katandera*, sacrifica-se um galo. Nesse processo de sacrifício, fala-se com o ancestral propondo-o seguinte, caso cerimônia deva acontecer, que os órgãos do galo sejam limpos (branco), se não for para acontecer que ficam preto. Desde momento os órgãos ficarem branco, significa que a cerimônia vai acontecer e a menina será *Katandera*, mas caso contrário, significa que está faltando algo para que a cerimônia possa acontecer, pois os órgãos do galo encontram-se preto.

Após esses rituais, considera-se a menina como uma *Katandera* e está em serviço de seus ancestrais, designa-se a de pré-ancestral. Posteriormente, se essa menina gerar os filhos, não significa que estes serão *Katanderas*, contudo, apenas vão representar a casa onde a mãe vivia praticando esse ritual. Caso os filhos se interessem em exercer o ritual (casamento ou cerimônia de circuncisão), conseqüentemente, terão que fazê-lo na casa onde a mãe havia feito a mesma cerimônia de *Katandera*. Se porventura, a *Katandera* falecesse vai ser tratado de forma honrosa porque ela possui um status social que não é comum. O corpo vai ser preparado na casa onde essa fez cerimônia e suas colegas *Katanderas* vestiriam a mesma roupa em prol de homenageá-la e doravante, vai ser sepultada próximo à *baloba*.

É um espaço sagrado onde as pessoas vão para fazer os seus sacrifícios e invocar os seres além, *Balobeiro* é a pessoa indicada para se comunicar com as pessoas que já morreram até essas pessoas falam na boca da pessoa que está vivo. De acordo com Leite (1984, p.134):

Seu destino após o fim da existência visível manifesta-se de suas formas possíveis: volta a fazer parte de um novo membro do mesmo grupo social ou integra-se na massa ancestral privativa de uma determinada sociedade”... o homem pode ser compreendido como ser total natural-social que se manifesta durante sua existência visível – quando –e o pré-ancestral e após ela, quando se torna um ancestral.

Nesse caso a menina que passou por um ritual ao morrer vai passar por um outro tipo de status social onde vai ser tratado como um ancestral pois já não se encontra no mundo dos vivos. Na mesma linha do pensamento, Leite vai explicar que, a morte permite uma nova

mudança do homem, porque este se torna um ancestral. Neste processo, existe diferença do trato do corpo de uma pessoa que possuía um status social em relação ao que não a tinha. Esse processo de tratamento é visto mais em questão de hierarquia. E isso é visível e perceptível até no momento de sepultamento e nas cerimônias culturais exercidas. (LEITE, 1984).

No processo ritual, singularmente no momento fúnebre, a *Katandera* veste uma roupa que a identifica como tal, para que suas colegas possam a ver. Veste-se essa roupa para ir o ritual porque não se sabe se vai ou não encontrar as companheiras *Katanderas*, caso não queira a vestir, usa-se um lenço para substituir a roupa que deveria usar. Neste processo de ritual fúnebre, ao encontrar as colegas, cumprimentam-se com a bebida, cachaça, coloca-se o dedo dentro de pote ou garrafa da bebida e põe na língua, mesmo que não beba. Isso demonstra, simbolicamente, a saudação dos ancestrais, porque as *Katanderas* estão em serviço de seus ancestrais, e para que essa saudação ocorra, tem que haver essa representação por meio da bebida como foi supracitado. Vale-se lembrar que, ao ir ao ritual fúnebre, ao ir cerimônia que não seja fúnebre, é obrigatório usar a roupa de *Katandera*, mas se não for nesse contexto, pode-se usar lenço no lugar de roupa e levar a bebida em prol de exercer as saudações a suas colegas.

De acordo com Bettega (2007), afirma-se que os ritos de passagem facilitam a transição de pessoas para estados diferentes, e aponta também o desempenho de diferentes papéis que podem ser traduzidos por sua dimensão simbólica, tais papéis precisam-se apoiar em marcos de reconhecimento pela coletividade.

Sendo assim, o ritual da *Katandera* faz parte da mudança de uma menina que já passou desse processo através da prática ritualística e o poder simbólico que carrega em si mesma, e na sociedade em que se encontra.

Como sistemas culturalmente construídos de comunicação simbólica, os ritos deixam de ser apenas a ação que corresponde a (ou derivado) um sistema de ideias, resultando que eles se tornam bons para pensar e bons para agir- além de serem socialmente eficazes. Também afirma que a eficácia deriva do caráter performativo do rito em três sentidos: no de Austin (onde dizer é fazer como ato convencional); no de uma performance que usa vários meios de comunicação através dos quais os participantes experimentam intensamente o evento; e, finalmente, no sentido de remeter a valores que são vinculados ou inferidos pelos atores durante a performance (1985:128). Em outras palavras, os rituais partilham alguns traços formais e padronizados, mas estes são variáveis, fundados em constructos ideológicos particulares. (PEIRANO, 2000, p.11).

Segundo Monteiro (1986), o rito mágico tem um sentido puramente simbólico e nos coloca o problema de saber como ele é capaz de intervir no mundo. Porque as pessoas que se utilizam do rito o fazem, em contrapartida, esperando obter dele resultados práticos.

E esse resultado que todas as meninas que passaram por esse ritual e poder mágico esperam por ancestrais para as proteger junto de seus familiares. Depois de muito tempo até a data presente, o cristianismo não aceitou essas práticas culturais étnicas, na ótica cristã, considera-se essas práticas culturais como algo pejorativo, para religião católica e protestantismo o discurso que essas religiões estabelecem atrela-se a seguir o Jesus Cristo e deixar as tradições culturais porque só há um Deus criador. Muitas pessoas que convertem ao cristianismo acabam por queimar suas estatuetas e abandonar as práticas dos ancestrais e por fim, acabam tendo conflitos familiares por terem de abandonar as práticas tradicionais.

“Se as crenças religiosas e mágicas pudessem ser entendidas como uma aberração intelectual, estaria implícito que religiões mais desenvolvidas, como o cristianismo, poderiam ser objeto de julgamento crítico semelhante”. (MONTERO, 1986, p. 06).

A religião vem com o intuito de eliminar as crenças tradicionais na sociedade africana e, as críticas religiosas estão nas práticas culturais dos povos africanos, suas práticas rituais. *Katandera* tem um poder que dá um sinal muito forte na vida dos familiares dentro da etnia Pepel e esse ritual estão nos rituais mais considerado.

A colonização, é a chamada “política do espírito”; por outras palavras, o papel da igreja na evangelização e colonização das populações negras- africanas da Guiné-Bissau. Durante o período dos “descobrimentos”, a Igreja e o estado fizeram causa comum ao serviço de objetivos comuns: cristianização, português e a colonização das populações dos territórios conquistados. (DJALÓ, 2013, p. 13).

As chegadas dos europeus influenciaram muito no processo de cristianização, mas é bom lembrar que antes de seu advento os povos africanos já tinham/têm suas práticas culturais e as suas formas de invocar o nome do Deus, porém após muitos séculos, com a chegada dos portugueses, implementaram a ideologia de “Civilização” e isso fez com que muitos povos africanos deixarem as suas práticas culturais a se converterem. E consequente, isso gerou muitas tragédias nos diferentes grupos étnicos, a par disso, culminou com os incêndios dos *Irãs* para seguir cristianismo, especificamente, essa ocorrência foi vivenciada principalmente com o grupo étnico Pepel e com outros grupos. Com isso, muitas práticas culturais étnicas não são vistas com bons olhos ao cristianismo porque consideram-nas como as diabólicas.

Trata-se de saber o que a magia diz sobre o mundo e de onde vem as categorias que ela utiliza. A magia passa a ser compreendida como símbolo (MONTERO, 1986, p. 06). O poder mágico é uma coisa que ninguém pode ver e ao mesmo tempo pegá-lo. É algo que funciona na sociedade africana através da tradição e da cultura desse povo.

Segundo Mauss (1950, p.51), ele vai dizer que a religião surgiu quando a magia se fracassou no início, ele vem para objetivar as ideias na intenção de associar e imaginava criar as coisas como ele sugeriu a si mesmo o pensamento que ele acredita que é o senhor das forças naturais.

O continente africano sempre tem suas formas de praticar suas venerações aos deuses de modo bem organizado. E todo esse processo ritual era e é veiculado pela oralidade com base do respeito e sem juízo de valor. Essa forma de veiculação cerimoniais é totalmente diferente com a forma europeia. Os usos e costumes ali apresentados dentro desse processo de cerimônias são as formas de praticar as identidades das sociedades africanas.

A biografia de cada régulo retrata um caso particular, resultado de diversas sensibilidades e capacidades individuais, oportunidades e conjunturas, mas é igualmente um elemento expressivo da forma como a história se pensa através dos indivíduos. Ameaçadas pelo êxodo cultural e presencial das camadas mais jovens, pelo ostracismo e desvalorização a que foram votadas pelas administrações colonial e pós-colonial, estas populações reavivam de forma criativa rituais por vezes ignorados há dezenas de anos, como um meio de afirmação da sua identidade local e de ganho de poder efetivo através da sua representação simbólica. (CARVALHO, 2004, p.56).

Para ser um régulo na Guiné-Bissau, em especial na etnia Pepel, tem que ter o conhecimento, experiência e passar por ritual de circuncisão e casamento tradicional. Tem que cumprir com alguns ritos ou passar por normas que essa sociedade determina que se encontram ao seu redor, e ter espiritualidade de comunicar com os ancestrais. Neste caso, explica-se que no grupo étnico Pepel, considera-se que o poder do régulo por parte da família matrilinear, o poder é passado através do tio materno para governar a região de Biombo. Para ser régulo de Biombo tem certos “*Djorsons*” que governam, que estão acima de todos os “*Djorsons*”, designa-o de Djorson Djagra, é um dos “*Djorsons*” mais corajosos dentro de Biombo e são eles que governam a região. Porém o poder do reinado passa de tio pelo sobrinho por parte da família materna, os régulos também fazem o ritual de *Katandera* para as meninas.

A sua visibilidade e essência para que estes atuem como meio de atribuir poder as populações locais e de significar a sua autonomia e independência face ao modelo hegemônico estatal. Por outro, os régulos continuam a actuar

como mediadores em face de esse mesmo poder estatal. A sua eficácia e tanto maior quanto menor for o capital simbólico que acumulam pelo prestígio do cargo dos rituais que realizam. Mas a sua atuação não se limita aos actos rituais antes inclui a participação em numerosos momentos formais, onde se negociam posições e se procuram novos espaços de afirmação da identidade colectiva. (CARVALHO, 2004, p. 55).

A preocupação do régulo dentro da sociedade é manter a união entre os povos, tanto nas cerimônias e assim como dentro da sociedade. O régulo possui poder absoluto dentro de sua comunidade e trabalha junto de seus agentes e, ao mesmo tempo, sempre o sobrinho está presente em aprender com o régulo, para posteriormente herdar o trono, caso o régulo vier a falecer. Esse processo de aprendizagem é como se fosse período de estágio e preparo para assumir o trono.

O conhecimento das práticas culturais é o conhecimento que passa de geração em geração, é assim também a prática da magia. Além de ser passado de geração em geração dever ser ensinado por meio da prática à geração mais nova.

A sombra que antevê a ciência, assim como diferentes tipos de classificação (taxonômico e metafórico) mantinham-se subjacentes, respectivamente, a ciência e a magia. Os ritos eram contrastados com os resultados previsíveis dos últimos: Nos ritos, a assimetria entre profano e sagrado produzia uma união, nos jogos, a estrutura criava eventos; os ritos vinculavam-se a bricolagem, os jogos, à ciência. (PEIRANO, 2000, p. 4).

Os poderes sobrenaturais e a simbologia são coisas que podemos também perceber como uma ciência porque é um conhecimento que passa de geração para geração que as pessoas aprendem muito mais sobre isso, e esses ensinamentos são os mais velhos de uma aldeia que passam esses saberes por mais novos, por isso que os velhos das aldeias são preservados por lá que fica arqueologia dos africanos.

Segundo Ki-zerbo (2010), na introdução geral da história geral da África vol. I, salienta que: A tradição oral é a fonte histórica mais íntima, mais succulenta e mais bem nutrida pela seiva da autenticidade. Ainda traz um provérbio africano que diz assim: “*A boca do velho cheira mal*”, mas nela sai as histórias riquíssimas que muitas ignoram, mas são fontes do conhecimento pela via oral. Mas ela profere coisas boas e salutares”. Por mais útil que seja, o que é escrito se congela e se desseca. A escrita decanta, disseca, esquematiza e petrifica: a letra mata. A tradição reveste de carne e de cores, irriga de sangue o esqueleto do passado. (KI-ZERBO, 2010, p.39).

A oralidade é transmitida de homem velho para os mais novo assim sucessivamente através desses conhecimentos orais que o continente africano está a tentar trazer pelo documento escrito, como diz Ampaté-Ba “quando morre um homem velho uma biblioteca

queima”. Motivo pelo qual escrevemos esse trabalho para arquivar os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo em nossa sociedade para não o perder. Assim, a geração vindoura terá acesso ao documento escrito que perdurará por várias épocas e, assim, acarretando um conhecimento pleno do que foi arquivado e não se consegue ser passado pela oralidade, caso de não tiver um velho para ensinar o que conhece sobre a ancestralidade.

O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem. Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso experiência própria, tal como ele mesmo os narra. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.168).

Por meio disso, entende-se a importância da oralidade e o papel do homem velho dentro duma aldeia, exemplo prático foi a cerimônia que tive oportunidade de participar junto da minha mãe. Não havia livro que descrevia sobre a *Katandera*, porém através do conhecimento dos anciões da aldeia e com ajuda de oráculos, auxiliou a minha família a descobrir o caminho que se devia percorrer. Não havia documento escrito para chegar a esse fim, tudo aconteceu através da oralidade, o poder da palavra. Isso está ligado com o destaque feito pelo autor na citação acima referida, que a biblioteca do homem é o cérebro. A experiência que tivemos no processo de realização de cerimônia tem como base elementar o cérebro, a memória, isto é, a biblioteca dos mais velhos. Isso demonstra o quão importante é a oralidade na sociedade africana, inclusive guineense.

10. METODOLOGIA

Levando em consideração o objetivo principal deste trabalho que é analisar o rito de *Katandera* como uma forma de expressão e atuação das mulheres do grupo étnico Pepel de Biombo na Guiné-Bissau e as representações a elas atribuídas. Para a concretização do nosso objetivo almejado/definido, precisamos definir a metodologia que vai nos conduzir para realização da nossa pesquisa. Sendo assim, Fonseca (2002, *apud* GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.12), dizem que a “metodologia é o estudo da organização dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência”. Ainda eles

afirmam que, etimologicamente, a palavra metodologia significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica.

Para a realização desta proposta de estudo com a finalidade de atingir os objetivos propostos, pretendemos conduzir a realização desta primeira parte do trabalho a partir de abordagem da pesquisa qualitativa, baseada no procedimento da revisão bibliográfica para melhor explicar os fatos teoricamente a partir dos referenciais teóricos já publicados, como explica Fonseca, (2002, p.23, *apud* GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.37).

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32).

De acordo com Fonseca (2012), dá para entender que a pesquisa ou revisão bibliográfica é um método que permite uma relação direta entre o pesquisador com os materiais já publicados a serem revisados como: livros, teses de doutorado, mestrado, monografias e artigos.

De acordo com Creswell (2010), o método qualitativo, é “entendido como um método que emprega diferentes concepções filosóficas e itens de pesquisa, estratégias de investigação, método de coleta, por último, análise e interpretação dos dados”. Ele ainda continua dizendo que esta pesquisa

“É o meio para explorar e para entender significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das participantes para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados”. (CRESWELL, 2010, p.26).

Tomando em conta a natureza ou característica da pesquisa que é de estudar rito ou cultura de um grupo étnico, para este estudo, exige uma abordagem ou procedimento da pesquisa etnográfica, pesquisa esta que segundo Gerhardt e Silveira (2009), “A pesquisa etnográfica pode ser entendida como o estudo de um grupo étnico ou povo”.

Os autores acima citados vão dizer que a pesquisa etnográfica apresenta várias características específicas, denota-se que:

o uso da observação participante, da entrevista intensiva e da análise de documentos; a interação entre pesquisador e objeto pesquisado; a flexibilidade para modificar os rumos da pesquisa; a ênfase no processo, e não nos resultados finais; a visão dos sujeitos pesquisados sobre suas experiências; a não intervenção do pesquisador sobre o ambiente pesquisado; a variação do período, que pode ser de semanas, de meses e até de anos; a coleta dos dados descritivos, transcritos literalmente para a utilização no relatório. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 41).

As características supracitadas são importantes para a realização da pesquisa de caráter etnográfica, pois o pesquisador precisa participar ou envolver na comunidade a ser pesquisada para melhor conhecer a realidade vivida, isto lhe permite viver uma relação saudável com o seu objeto de pesquisa, também levaremos em conta a minha experiência como *Pepel* e *Katandera*, isso vai nos auxiliar a ser flexível no campo.

Quanto à local de realização da nossa pesquisa, ela foi realizada em duas etapas, a primeira etapa aconteceu no Brasil (Unilab), com procedimento da pesquisa bibliográfica como anteriormente apontamos, e na segunda etapa da pesquisa que será uma continuidade para a concretização dos nossos objetivos almejados no projeto.

Como procedimentos a serem utilizados na realização da pesquisa, pretendemos fazer a entrevista aberta com uma duração de 25/30 minutos por cada um/a deles/as, portanto como o procedimento que vai ser utilizado será entrevista, ela deve ser de uma forma simples e clara entre o entrevistado e entrevistador como salienta Marconi e Lakatos, (1996).

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. (MARCONI e LAKATOS, 2003. P.195).

No que diz respeito a descrição dos futuros participantes da nossa pesquisa, para mais clareza e credibilidade da nossa pesquisa e nas informações que vamos recolher dos nossos participantes, pretendemos selecionar seis (6) pessoas para uma entrevista: duas (2) *Katanderas* diferentes uma de *Plic* e outra de *Omai*, duas (2) mulheres velhas conhecedoras e realizadoras do ritual de *kata*, e por último, duas (2) pessoas de outra etnia.

A entrevista será aplicada com um termo de consentimento entregue a eles/as, utilizaremos materiais para gravação dos áudios, pode ser um rádio de gravação ou um celular e diário de campo. Utilizaremos a oralidade como uma das técnicas para fazer o entrevistado sentir-se à vontade e não constrangido no momento e, é preciso que estejamos sempre atentas

as respostas que serão dadas. Após o processo de coleta de dados através de entrevista e diálogo com entrevistados, efetuaremos uma transcrição e categorização das entrevistas e, por último, analisaremos as entrevistas com base nas categorias atribuídas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTEGA, Lúcia Maria. **O casamento como manifestação de uma cultura:**

O caso de Nova Palmira. Caxias do Sul, 2007.

CARVALHO, Clara. **A revitalização do poder tradicional e os regulados manjaco da Guiné-Bissau.** Soronda-Revista de Estudos Guineenses, p. 7-44, 2003.

CRESWELL, John w. **Projeto de Pesquisa, Métodos, Qualitativo, quantitativo e Misto.** 3.ed. Porto Alegre, Artmed, 2010.

DA ROCHA LEITE, Fábio Rubens. **A questão ancestral: África negra.** Palas Athena, 2008.

DJALÓ, Tchernó. **O mestiço e o Poder:** Identidades, Dominações e Resistencia na Guiné. Editora: assírio Bacelar, 2ª Edi. Lisboa 2013.

FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/115896>>. Acesso em: 17 de set. 2018.

GARRAFÃO, Yolanda Victor Monteiro. **Ontem m'pili (menina), hoje neguine (mulher casada): a percepção das mulheres da etnia papel sobre o casamento tradicional (k'mari) na Guiné-Bissau.** Redenção, 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Plageder, 2009.

KI-ZERBO, Joseph. A tradição Viva. Introdução Geral da História da África História geral da África, I: **Metodologia e pré-história da África** Vol. I / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. 992 p.

KOPYTOFF, Igor. Ancestrais enquanto pessoas mais velhas do grupo de parentesco na África. **Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)**, v. 21, n. 21, p. 233-250, 2012.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos da Metodologia Científica**, 4.ed. São Paulo, Atlas, 2003.

LEITE, Fábio. **A questão ancestral**: notas sobre ancestrais e instituições ancestrais em sociedades africanas: Ioruba, Agni, Senufo. **África**, n. 7, p. 133-135, 1984.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4okspos>.

MONTERO, Paula. **Magia e pensamento mágico**. Editora Ática, 1986. Disponível em: <https://tinyurl.com/y69kue9y>.

NAMONE, Dabana. **A luta pela independência da Guiné-Bissau e os caminhos do projeto educativo do PAIGC**: etnicidade como problema na construção duma identidade nacional. 2014. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –

PEIRANO, Mariza GS. **A análise antropológica de rituais**. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2000.

_____. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, n. 42, p. 377-391, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000200015>.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares S47 1m **As Mandjuandadi: cantigas de mulher na Guiné-Bissau**: da tradição oral à literatura / Maria Odete da Costa Soares Semedo. Belo Horizonte, 2010. 451f. : Il.

STRAUSS, Claude Levi. **Antropologia estrutural**. Cosacnaify, paris, 1956.